



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A fotografia e as costuras da maternidade nos registros de família¹

Elisa Elsie Costa Batista da Silva Beserra²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O casal entrou no Corcel azul em direção ao consultório da obstetra. A chegada da bebê poderia ser a qualquer momento. O corpo da mulher emitia sinais em contrações uterinas. Após uma breve avaliação, a médica orientou seguir para a maternidade da cidade, distante sete quilômetros dali. A mulher tentava encontrar posição confortável no banco do carro, o homem ao volante, acelerava. Uma hora da tarde e o carro seguia pela avenida Prudente de Moraes. Para. Está nascendo. Faltava menos de 600 metros para chegar na Maternidade Januário Cicco. A bebê escorreu pelo canal vaginal. O motorista parou. O tempo talvez tenha parado. Um guarda apareceu. Tentou conter as pessoas que se juntavam aos poucos na esquina ao redor do veículo. A mãe deixou de ser uma e a fronteira interna foi rompida pela bebê. A mãe chorou, o bebê, o pai. Todas queriam ver qualquer fragmento do acontecimento. Seguiram para a maternidade. A médica, de luvas cirúrgicas, cortou o cordão umbilical ainda no estacionamento. Bebê negada no berçário — estava contaminada da rua. Mãe e bebê seguiram juntas para um quarto. A história dessa chegada foi ouvida, contada e recontada algumas dezenas de vezes ao longo dos 40 anos em que é replicada. A memória ficciona os fatos com o passar do tempo e talvez seja responsável pela omissão e acréscimo de detalhes. Essa bebê sou eu. E a história escrita é baseada em relatos orais distintos e dispersos. Não há registros sonoros ou visuais desse acontecimento, com exceção da única foto feita por meu pai já no estacionamento. A maternidade e a chegada de bebês eram assuntos recorrentes no cotidiano familiar e orbitavam meu entorno. Em 2014 oficializei os estudos relacionados ao tema e no mestrado (2022) fui pelo caminho de

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia contemporânea”

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, UFRN, e-mail: elisa.elsie@ufrn.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



compreender como a maternidade atravessa a produção artística de fotografias mulheres por meio de um auto-olhar como forma de confrontar a noção idealizada da mulher mãe. No doutorado, a maternidade segue presente, mas em outro fluxo. Penso na maternidade perpetuada pelas gerações que me antecederam e são responsáveis, também, por construir uma história familiar através de fotografias e narrações. Nasceu daí a vontade de compreender as raízes que me fincam neste território. As avós, Eliza Raulino (paterna) e Eunice Pacheco (materna), orientam parte da pesquisa dos últimos anos. A primeira esteve grávida por mais de dez anos e vivenciou catorze partos vaginais. Em busca dela reviro as poucas fotografias em que aparece, diapositivos da região em que nasceu e memórias. Tento dar uma mordiscada nesse passado imagético para reencontrar e reconstruir os sentidos das imagens e a partir delas elaborar novas tramas e fotografias. Um presente e futuro de costuras refeitas, ou um *presente eterno* (Silva, 2008), como se fosse possível instalar um passado e um presente contínuos. Em 2022 retornei à casa em que ela nasceu e viveu até a adolescência, em Martins (RN). A mesma casa na qual meu pai quando criança passou férias, assim como eu nas minhas férias da infância. O imóvel abandonado guarda uma trama que permeia cinco gerações dentro de uma casa centenária. Passado e presente dividindo espaços físicos e imaginários. Saio desta casa e chego na outra avó, Eunice Pacheco, avó materna. No ano de seu aniversário de 85 anos (2023), vi pela primeira vez os dois álbuns de família feitos por meu bisavô (José) e narrados por ela. Armando Silva (2008) defende o arquivo familiar em suas três dimensões: visual, cultural e comunicativa. A primeira representa ou apresenta visualmente uma pessoa ou situação normalmente desaparecidos há muito tempo. A segunda traz marcadores visuais de uma época e cultura específicas. Já a terceira dimensão está associada à narração oral feita por uma pessoa ciente das histórias relativas às imagens impressas do arquivo. A costura das palavras na narração destes dois álbuns foi feita instintivamente. As



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



lembranças fiaram caminhos entre as fotografias e o tempo. Vovó é a guardiã desse arquivo — uma *guardiã da memória*, para coincidir com Juliana Caixeta (2006) —, iniciado por seu pai ainda solteiro e continuado por mais de três décadas. Após a morte dele, nada foi acrescentado, embora fotografias da mesma época estejam guardadas numa pequena caixa de madeira e as páginas finais dos álbuns permaneçam vazias. Fazer fotografias e organizá-las em álbuns, pastas, cadernos ou mesmo caixas talvez seja uma das muitas maneiras do ser humano tentar definir e ordenar simbolicamente o mundo (Chalfen *apud* Costa, 2022). Pensar nesse arquivo bem como na oralidade presente na narração das fotos é um caminho para compreender como os diálogos podem ser ficcionais e adiados quando associados aos registros familiares. O nascimento no carro, a avó paterna na casa e a avó materna nos álbuns entrelaçam histórias familiares conectadas a aspectos da maternidade e seus desdobramentos. Por meio de dados arquivais, como fotografias, diapositivos, notas e cartas; dados extraídos de conversas presenciais, das mensagens instantâneas e de áudios; notas de campo, como as anotações, fotografias e gravações de relatos (Kozinets, 2014) organizo procedimentos metodológicos com a finalidade de recuperar arquivos imagéticos e informações. Revisito fotografias digitais mais recentes, feitas da avó Eunice e da casa no Sossego, e a partir delas construo uma nova história de encontros e memórias. Nesse recorte, chego à etnografia como uma formulação teórico-metodológica (Peirano, 2014) em uma pesquisa de campo pessoal, afetiva e de certa maneira histórica. Faço perguntas aos familiares, fotografo, guardo dados sobre locais e revisito lembranças desse lugar-tempo. Ao pensar com a pesquisadora Mariza Peirano (2014, p. 380) sobre a empiria na etnografia, acolho "eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos", reconhecendo que esse "é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação". Tendo em



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



mente a coleta e vivência, penso no fazer autoetnográfico para essa pesquisa por reconhecer a inclusão da experiência da sujeita tanto ao definir o que será pesquisado quanto no próprio desenvolvimento da pesquisa, entendendo que a experiência pessoal pode influenciar o processo de investigação e escrita (Ellis; Adams; Bochner, 2010). Uma metodologia cuja escrita pessoal possibilita disputas de narrativas, especialmente contra invisibilidades e silenciamentos. Como objetivo principal, pretendo seguir nas investigações de como as conexões físicas e afetivas da maternidade reverberam na fotografia familiar e como esses vínculos podem influenciar a produção pessoal artística fotográfica contemporânea. Por meio da ressignificação de memórias, organização de fotografias e produção de imagens, articulo cada etapa visual e prática à textualização de fenômenos (Fortin; Gosselin, 2014; Cezar, 2014). Coincido mais uma vez com Mariza Peirano (2014) quando considera "ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem" na feitura de uma pesquisa etnográfica em relação ao texto produzido. Para a pesquisadora, as "palavras *fazem* coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados", (*ibidem* p. 386). Aproximo essa noção textual à fotografia ao possuir o mesmo poder de trazer para si e consigo elementos de uma linguagem comunicativa através das suas características visuais, composições e opções estéticas. Um verdadeiro salto estético de hibridização com outras linguagens artísticas. A fotografia contemporânea na pesquisa é compreendida como uma linguagem que permite uma polissemia de sentidos e interpretações, além de estabelecer conexões e laços (Navas, 2017). Cada pessoa cria uma relação distinta com as fotografias que fazem ou fizeram parte de sua vida. A conexão estabelecida entre o individual e o social vai sendo cosida no encadeamento dos elementos armazenados e criados. Em parte da pesquisa, o álbum de família e os registros fotográficos avulsos dão origem a um repertório visual e afetivo (Silva, 2008). Resgatar memórias, investigar e construir novas representações visuais da mulher



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



mãe em suas relações familiares e sociais tornaram-se urgentes desde a gravidez e nascimento do meu filho. E sigo buscando esse fio entrelaçador nas fotografias que faço e encontro, nos textos, nos relatos, nas lembranças e nas memórias. Acompanho Lélia Gonzalez (2020, p.78) para pensar em uma memória que joga com a realidade "a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção". Talvez uma verdade ficcional. Para elaborar sobre essa inventividade recorro a Svetlana Aleksievitch (2016, p. 373) "Não há fronteiras entre o fato e a ficção, um transborda sobre o outro". Fotografia e ficção se roçam, tanto para pensar a produção imagética através da avó não conhecida como a feitura de ações que proponham a interação afetiva e intergeracional. A imagem fotográfica é para a pesquisa um ponto de partida uma permissão de negociar com o tempo e é nesse tempo elástico, entre passado e presente, que a pesquisa se faz. Por fim, proponho identificar como a maternidade (Rich, 2019) influencia a produção imagética/fotográfica contemporânea por meio das costuras e relações estabelecidas com o álbum e as memórias familiares. Assim como investigo como a construção imagética pode tensionar não somente os regimes tradicionais de representação da maternidade na contemporaneidade como as tramas estabelecidas pelo materno. A pesquisa pretende validar, produzir e reunir o conhecimento associado ao pressuposto de que as conexões físicas e afetivas da maternidade podem atravessar a produção artística contemporânea pessoal desde a fotografia de família produzida documentalmente, artisticamente e ficcionalmente, assim como os relatos e narrações associados às imagens. Pensar a maternidade neste trabalho é também pensar na minha mãe, nas minhas duas avós e no meu filho. Um cordão umbilical imaginário que une gerações de histórias.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



PALAVRAS-CHAVE: fotografia; etnografia; autoetnografia; maternidade; álbum de família.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil:** a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CAIXETA, Juliana Eugênia. **Guardiãs da memória:** tecendo significados de si, suas fotografias e seus objetos. 2006. Tese. 224 f. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CEZAR, Lilian Sagio. **O estatuto da fotografia e a pesquisa etnográfica:** direito de uso de imagem e representação autorizada. In: **Antropologia Visual:** perspectivas de ensino e pesquisa. Org: FERRAZ, Ana Lúcia; MENDONÇA, João Martinho. Brasília, ABA, 2014.

COSTA, Rodrigo Lopes. **Álbum de família na arte/educação:** matéria de ficção. Dissertação. 252 f. Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Instituto de Artes. São Paulo, 2022.

ELLIS, Carolyn.; ADAMS, Tony. E.; BOCHNER, Arthur. P. **Autoethnography:** An Overview. Forum Qualitative Sozialforschung, v. 12, n. 1, 24 Nov. 2010. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589/3096>. Acesso em 06 nov. 2025.

FORTIN, S.; GOSSELIN, P. **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico.** ARJ - Art Research Journal, [S.l.], v.1, n.1, p.1-17, maio 2014. ISSN: 2357-9978. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256/4314>. Acesso em: 06 nov. 2025.

KOZINETTS, Robert. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

NAVAS, Adolfo Montejó. **Fotografia & poesia:** afinidades eletivas. São Paulo: Ubu, 2017.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método.** Horizontes antropológicos, ano 20, n.42, p. 377-391, jul-dez, Porto Alegre. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Acesso em 30 out. 2023.

RICH, Adrienne. **Nacemos de mujer:** la maternidad como experiencia e institución. Traficantes de Sueños. Tradução Ana Becciu. Madri, 2019.

SILVA, Armando. **Álbum de família:** a imagem de nós mesmos. Tradução: Sandra Martha Dolinsk. São Paulo: Edições SESC SP, 2008